

INVICTA CINE

semanario ilustrado

DE

cinematografia



preço

50

centavo

nº

141

LOST



AGUIA D'OURO

apresenta na próxima 2.^a feira

A interessante e divertida comédia musical editada
pela UFA

CRUZEIRO DE AMOR

Super produção falada e
cantada em francês
pelos consagrados
artistas

LILLIAN HARVEY,
André Roanne

= e =

o excelente comico
Armand Bernard





SINGRANDO CONTRA
TODAS AS PROCELAS.

O Víctolo

SEMANÁRIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA

DIRECÇÃO E EDIÇÃO DE: N.º 141

ROBERTO LINO

PORTO
24 DE OUTUBRO
1931

REDACTOR PRINCIPAL

ALVES COSTA

SOUTINHO D'OLIVEIRA ANO 9

Comp. e Imp. - DIARIO DO PORTO

R. S. Bento da Vitória, 10 - Telef. 2300

Redacção e Administração: - Rua das Musas, 45 - PORTO - (Portugal).

EDISON

Varias vezes tinha passado através do mundo o frémito agourento, de que Edison estava na agonia; outras tantas a expectativa tinha sido iludida, pois embora cada vez mais fôsse faltando alento ao grande cientista americano, o certo é que Edison com os seus 84 anos ia resistindo sempre, ia tornando a vida do mundo uma série de alternativas de esperanças e desespêros.

Porém, a grande e terrível verdade é que êste homem, expoente máximo da ciência americana, já viveu o que é licito aos homens. Se se podesse empregar aqui o conceito arabe, de que todo o homem para ser útil deve ter escrito um livro, ser pai e ter plantado uma árvore, hemos de confessar que Edison de há muito ultrapassou tal finalidade; infelizmente Edison entrou as portas da eternidade. Vai cansado o caminheiro, vai saturado duma vida de estudo, dum permanente trabalho, sempre com o ideal fixo numa nova era para o mundo, em mais um ponto de engrandecimento para a sua pátria. Neste tempo em que a falência do capitalismo vem tornando o mundo um caos, Edison, amigo de Ford, o maior industrial de todos os tempos, ao partir leva consigo as benções dos homens. E' que há inventos e descobertas cuja utilidade não é benefício para a humanidade; mas os inventos de Edison, ficam recordando-o para todos os séculos, ficam-no perpetuando para a história da civilização. No ultimo quartel do século XIX Edison dotou o mundo da lampada electrica por incandescência; nêsse mesmo século Edison cria o fonografo, aperfeiçoa a máquina cinematográfica dos irmãos Lumière. Não é pois sem motivo, sem justificação, a nossa dôr ao vêr a partida do mestre. E' que se houve homens a quem o cinema deva muita da prosperidade que goza, os inventos de Edison parecem ter-se reunido, congregado para fazer um futuro melhor e mais amplo à cinematografia. Inventou a lampada electrica e

ela substituindo o ronronante arco-voltáico ilumina hoje os studios; criou o fonografo e os processos fono-cinematográficos de hoje ainda o empregam; aperfeiçou a máquina de projecção e deu vida ao cinema. Edison representa, pois, dentro cinematografia um valor muito querido, que se vai perder; abatem-se perante êle, todas as bandeiras de todas as fações cientistas.

Não é simplesmente um homem banal, o que a América do Norte perde; é uma cabeça, é a encarnação da sua ciência, nêste país onde os interesses comercialistas e industriais estiveram sempre a um nível superior da ciência. Se é uma perda grande para a cinematografia, a morte dum ou duma artista, a morte de Edison veio enlutar profundamente a alma daquêles cinéfilos que veem mais além do comercialismo do écran. Edison, americano, era de todo o mundo; os seus inventos permitiram a criação de grandes industrias. Nós hoje que, refastelados num maple, ouvimos um «His Master's Voice» reproduzir fielmente uma magnifica orquestra, esquecemos egoistamente o trabalho insano, a série de canseiras que tem um homem, curvado sôbre um rôlo de madeira coberto de parafina, procurando criar, dar alma aquêle invento que hoje faz as delicias das familias contemporâneas. Esquecemos o que foi o estudo concentrado dêsse homem, procurando fazer um filamento de bambú calcinado e tratado, incandescer-se, tornar-se mais tarde metálico, criar e desenvolver a industria das lampadas electricas, cada vez mais perfeitas

Edison, o homem venerando de que todos os dias os jornais nos falavam, era uma figura tam proeminentemente grandiosa, que ao vêrmo-lo partir perguntamos se não será mentira, se êste homem não teria conseguido descobrir o elixir da longa vida que lhe permitisse ficar sôbre o mundo para novas descobertas, para novos inventos, tornando-se ainda mais imortal. S.

E voltando ao assunto...

podemos agora dizer, que não era boato a nossa informação reproduzida e combatida em fundo do nosso último editorial. Como inúmeras cartas de homens e mulheres nos tem chegado ás mãos, e caso interessante, as mulheres entendem também que se deve ceder aos homens a primasia dos lugares de porteiros e arumadores da casa de espectáculos, em breve inauguração, eis porque voltamos ao assunto.

Uma informação do «Jornal de Notícias», diz-nos que no Rivoli onde se vão empregar 35 mulheres, «não se atende nenhum empenho ou recomendação; as preferidas são gente nova, honesta, competência e apresentação». Transcreveríamos aqui uns certos períodos duma carta que recebemos se nos fôsse permitido; mas como a questão não nos interessa pelo lado moral e como em questões mais obscuras não nos interessa também o que passa por trás das cortinas, deixemos o resto para o tempo confirmar, na certesa de que aqui voltaremos a premiar ou a castigar se merecerem. A caça á gorgêta tem de acabar com pessoal feminino ou tem meio caminho andado para a nossa bem assente chicotada. Não temos interesses particulares que nos obriguem a prosseguir esta companhia. Estamos e estaremos aqui simplesmente em favor dos interesses do pessoal masculino dos cinemas e teatros do país. Não queremos, como nos acusam sómente duas cartas, privar as mulheres de ganharem o seu pão; queremos que se dê primasia ao homem em trabalho de homens, que elas não venham, em guisa duma novidade alárve, pórcia e daqui a tempos pornográfica, privarem de pão alguns lares.

Senhores Emprezários do Teatro Rivoli: Se é com o fim de apresentar qualquer coisa de nôvo dentro da cidade do Porto, que se procura fazer uma seleção de mulheres até 25 anos para exercerem algumas ingratas profissões seria, conveniente que antes de tal passo ser dado, se perguntasse a criaturas sensatas, se lhes tem agradado o serviço das mulheres nêstes casos. A néga será absoluta porque a par duma pedinchice escandalosa que fazem, juntam certos inconvenientes que não devemos trazer á letra de imprensa. Quando se vão empregar 35 mulheres, cujos lugares exercidos serão, como o diz o «Jornal de Notícias» *relativamente* bem remunerados, é

porque já se conta simultâneamente com a generosa e aviltante baixêsa da gorgêta. Há fome em muitos lares, senhores empregários, que se evitaria em parte com os magros escudos que percebe em porteiro; ás noites calcurriando as ruas do Porto vêem-se infelizmente dezenas de homens válidos pedindo esmola, porque estão desempregados e não se encontra uma rapariga de menos de 25 anos, «nova, honesta com competência e apresentação» estendendo a mão á caridade pública, por estarem desempregadas. Um dia virá em que as contrariedades suscitadas por um pessoal feminino em contacto com uma plateia nem sempre de educados, provará a veracidade das nossas informações. E então, se não fôsse a fome, justo era que quando procurassem uma mudança de pessoal, nem um só homem se apresentasse solicitando um lugar.

Infelizmente assim não sucederá, nem sucede, porque nós mesmos a dentro das páginas desta revista já estamos pugnando pelos interesses de quem de direito. Parece ridícula esta ascendência que o homem vem permitindo á mulher, no ponto de vista do emprêgo. Ultimamente converteu-se a mulher já *post guerra* num manancial de ostentações, de vaidades, para manter as quais a tudo se sacrificam, aos maiores vexames e aos maiores desprêsos. Bem pode Sara Beirão criticar o homem dentro da secção «Confessionário feminino» de «O Primeiro de Janeiro». Se ao homem não merece hoje a mulher a mesma consideração de outróra é porque a mulher tentando masculinar-se, tornar-se livre e independente permitiu ao mesmo homem que a tratasse não de igual para igual, como pretendia, mas de superior para inferior, porque o homem viu que na mulher perdia a companheira de trabalho e arranjava uma concorrente para o mesmo, que lhe vinha muitas vezes roubar o pão.

A Empreza do Teatro Rivoli já que deseja dar uma novidade ao Porto, uma novidade que lhe vai custar amargos de bôca, poderia muito bem ter admitido um pessoal mixto, que não teria nada de criticável. Sómente, um pessoal feminino é um esbulhamento aos direitos do trabalho do homem.

E calemo-nos por agora; mas havemos de voltar porque sabemos que temos muita razão.

Sócrates

BONUS oferecido aos leitores da Invicta Cine pela Ex.^{ma} Empreza do Cinema Olympia nas matinees dos dias **29 ou 31 de Outubro de 1931.**

50 % de desconto em todos os lugares

FITAS FALADAS...

Quando o aborrecimento se instala dentro de mim com a mesma semcerimonia dum bacalhoeiro rico da rua de S. João que, tomando um lugar de segunda classe para Vila do Conde, se acomoda com largueza repouzando a sua paquidérmica corpolencia, rival em peso de doze costaes de precioso gádido, no almofadado assento da carruagem que ha-de correr quilometros gemendo, pelas molas, sob o peso do corpo e da boçalidade dessa illustre personagem; quando estou com o *spleen* (saibam os igncrantes de inglêz que *spleen* não é môsca), como ía dizendo, costuma subir-me ao cérebro a ideia de produzir obras de utilidade geral. Nessas circunstancias, já me lembrou, por exemplo, fazer uma cartilha de portugûês destinada aos brasileiros que hão-de ouvir a «Severa», pois, como é notório, os brasileiros não falam portugûês e eu receio muito que eles não saibam traduzir os versos do snr. Dr. Julio Dantas, que por sinal estão muito bem feitos.

Mas como tenho horror à popularidade e a cartilha seria um cartão para eu poder transpôr, sem dúvida, os umbraes destinados aos homens célebres, e como receio que algum dos meus leitores me empurre, com toda a força da sua admiração, para a porta da popularidade e eu, uma vez lá, não possa voltar atraz, resolvi não fazer a cartilha e substituir essa obra por outra não menos útil, que se chama o *Manual do perfeito speaker*.

Vou transcrever algumas passagens do *Manual*.

O titulo dêste livro está errado, porque, segundo tenho observado, a maioria dos «speakers» falam tão expressivamente que fico com a convicção de que não teem mãos.

O «speaker» é incapaz de engulir



ELSE ELSTER e WILL FORST na super-produção alemã «Der Herr auf Bestellung», O homem de encomenda.

uma môsca, porque lá diz o aforismo «ou entra môsca ou sai asneira»,

* *

Um bom «speaker» não pôde chamar-se Tito. Porque seria conhecido pelo Tito Speaker, e para um homem que ganha a vida e a celebridade fazendo uso da voz não ha nada mais vexatório do que estar sujeito a ser chamado, por engano, o Tito Schipa.

* *

Se quizeres ser um «speaker» esquece-te de que a prosódia existe. Um «speaker» que respeita a prosódia nunca conseguirá faiar ao microfone do São Luiz Cine.

* *

As mães, quando os petizes começam a tiburpear as primeiras silabas, costumam pedir:

—São Luiz lhe dê fala.

Se fôres «speaker» livra-te que algum espectador se lembre de pedir:

—São Luiz o mande calar.

* *

Se ficares aprovado em instrução primária segue todas as carreiras, excepto a de «speaker». Porque é um lugar de eleitos.

O Dr. Agostinho de Campos fez exame para «speaker», e ficou reprovado.

O São Luiz é o patrono dos «speakers».

Douglas

Faz . . .

bankos .

LILIAN

HARVEY



— EM —
C R U Z E I R O
D E
A M O R

A Agência Cinematográfica H. da Costa, vai apresentar dentro de dois dias ao público do Porto, no Aguiá d'Ouro, uma das melhores produções ultimamente realizadas, filme que não só representa um sucesso artístico, mas ainda possui características de feitura; trata-se do filme «Cruzeiro de Amor» ao qual a mocidade de Lilian Harvey e André Roanne deram uma graça efusiva, formaram um conjunto que agrada, que vos obriga a abençoar a alegria de viver.

A realização de Anatole Litvak, baseada na comédia de J. Berstl, deu a êste filme o ambiente necessário para que brilhe o trabalho dos interpretes, para que consigam tornar-se alvo do carinho e simpatia do público. Demais, isso não era necessário pois o mais provinciano e inculto cinéfilo conhece de cór o nome de Lilian Harvey, tem de memória fixado o seu rosto alegre, sabe a biografia da vedeta, tem os filmes por ela interpretados, contados e num quadro de honra especial. André Roanne, um bom galã francês, é o partenaire magnífico para Lilian Harvey.

O cenário situado parte no mar, outra parte em movimentadas praias, tem vigôr, tem vida e alegria.

Contá-lo, para quê? Uma história de amor cheia de peripécias, cercada dum enredo atraente; um milionário, uma gentil rapariga que se faz passar por aventureira e no final desfeita a meada... um beijo e a vida.

Toda a critica tem sido unanime em considerar o trabalho de Litvak perfeito, não só cinematográficamente, como ainda pelos couplets de Jean Boyer, que são cantados no filme. Ainda recordam os sucessos obtidos pela música e canções de «O caminho do Paraíso» e «As ordens de Vossa Alteza»; as de «Cruzeiro de Amor» não são inferiores aquelas, não perderam o cantante que as grava sobre o ouvido do público onde ficam persistindo como se se tratasse dum disco, que às vezes se revê com saudade.

O filme pesado, o dramalhão em muitas partes, amachucando o público no seu lugar, está hoje fóra de moda; a preferência pelos filmes de enredo leve e gracioso, pela historietta de amor mais ou menos acidentado, mas onde tudo que bem começa bem acaba, é manifesta no público. As produções de enredo muito dramático, tiravam ao espectador a alegria, a bonomia que êle precisa para lutar contra os azares da vida acidentada, que corre.

A Agencia Cinematográfica H. da Costa, L.da que já na época finda apresentou ao público magnificas produções e que êste ano por uma curta lista publicada, tem no seu stock filmes de garantido sucesso, merece parabens pela aquisição magnifica que fez.

Lede e propagai "Invicta-Cine,,"

FOTOGRAFIA GUEDES

O MAIS COMPLETO ATELIER FOTOGRAFICO

Telefone, 2680

NEVES GUIMARÃES

346, Rua Santa Catarina, 350

Argumento do:

Cruzeiro de Amôr

O jovem milionário americano Macferson, já farto de aturar os caprichos das mulheres, é subitamente empolgado pela misogénia—uma misogénia violenta que o decide a partir no seu «Yacht» para um cruzeiro de cinco anos, apenas acompanhado do seu creado João e dos tripulantes do barco, todos êles maridos ou amantes infelizes, inimigos implacáveis do belo sexo.

Como Jack ponha em duvida a resistência moral de Macferson, êste faz a seguinte aposta: se dentro de 5 anos, à mesma hora, êle tiver concluído a projectada viagem, com a absoluta abstinencia de mulheres, ganhará, de comum acôrdo, a elevada sôma de 500.000 dollars.

Quatro anos e onze meses decorrem—e o «Yacht» «Odysseus» prossegue no seu cruzeiro em torno do mundo, tocando sómente em alguns portos para se reabastecer de mantimentos e combustiveis.

Nenhuma mulher fôra ainda a bordo—e a equipagem começa a olhar longo o tempo e a aborrecêr-se de tão demorada prova.

Os menos pacientes sentem-se já dispostos à revolta quando o grito de «homem ao mar» atira para a ponte do navio, num impeto afflictivo, o comandante e os marinheiros do «Odysseus». A pouca distancia do «Yacht», um nadador está em perigo. Rápidamente, o naufrago é conduzido a bordo, mas—surpreza inconcebível!—o suposto nadador não passa de uma nadadora, de uma mulher que anda fazendo os seus treinos para a travessia da Mancha: Calais-Douvres. A marinhagem fica assombrada e pouco depois perturbadíssima ao constatar a beleza escultural da rapariga. Mas Macferson, impassivelmente severo, dá a ordem de conduzi-rem a terra, num escaler, Miss Gladys O'Halloran, deliciosa representante do sexo fraco. Gladys, irritada por tão duvidoso testemunho de cortezia, salta pela amurada e mergulha nas ondas, não sem prometer a Macferson uma vingança retumbante:

—Sou «reporter» do «Times». Juro-lhes que me ocuparei do «Odysseus», do seu comandante e da sua tripulação.

Profundamente impressionado, e temendo um escandalo, Macferson manda que levem novamente para bordo a endiabrada nadadora. Gladys é sequestrada—e logo se desencadeia a guerra entre ela e Macferson, uma guerra em que a linda rapariga obtém decisivas vantagens. A sua graça e a sua gentileza dominam rápidamente o espirito dos tripulantes do «Odysseus». De resto, a redução irresistível de Gladys opera milagres em Macferson—e a tal ponto, que o milionário receioso de si mesmo, recomenda ao creado João que a vigie atentamente, noite e dia!

Uma tarde, quando o «Yacht» se acha á



Imagens de o «Cruzeiro de Amôr»

vista da Côte d'Azur, o «gazolina» do porto encosta ao barco e dois «detectives» sobem ao tombadilho, para falar ao capitão:

—Somos agentes da policia e temos ordem de recapturar Nelly Merrivan, que se evadiu da prisão de Calais. E' uma aventureira muito perigosa. O senhor sabe alguma coisa a êste respeito?

—Absolutamente nada!—responde Macferson, depois de uma ligeira hesitação.

Mas logo que os policias se afastam, Macferson precipita-se para a cabine da rapariga:

—Mademoiselle: sei que é uma aventureira. Entregal-a-hei amanhã às autoridades, mal desembarque em Nice.

Nelly Merrivan não protesta, mas, no dia seguinte, no momento em que Macferson vai obrigar a rapariga a descer a terra, encontra o camarote vazio. O passaro batera as azas!

Desde essa ocasião, Macferson só pensa em descobrir o paradeiro da falsa jornalista e lança a sua tripulação em procura de Gladys-Nelly...

*

O carnaval em Nice atinge o maximo do entusiasmo e da confusão, tornando difficilima a descoberta da famosa aventureira. No entanto, a meio da batalha de flores, um dos homens de Macferson reconhece Gladys numa das carruagens mais sumptuosamente floridas. Segue-a, acompanha-a até ao hotel onde ela se encontra hospedada sob um falso nome. Alguns instantes mais tarde, Macferson faz a sua inesperada aparição no quarto de Gladys:

(Conclui na última página).

DA VIDA CINEGRÁFICA

cinematográfico um dos maiores compradores deste material. A prata é outro material usado em grande escala na confecção de filmes.

A quantidade de metros de filme usado pelos produtores cinematográficos

Os espectadores sentados num cinema qualquer, vendo os seus astros e estrêlas favoritos, ouvindo as suas vozes, sabem perfeitamente que esse estupendo trabalho é proveniente de uma estreita fita de celuloide.

Entretanto, poucos são os que sabem qual a incalculável quantidade de celuloide que é empregado na produção de filmes.

Um só estudio americano dos mais importantes, projecta setenta e oito milhões de pés de filmes por ano, fazendo inspecções, provas sonoras, etc., e as vinte cópias acabadas que deixam diariamente os laboratórios para distribuição aos cinemas.

Cada cópia para ser lançada no mercado é exibida e verificada antes de sair dos studios, e todas as provas, etc., também passam por cada uma das dezenove salas de projecção que funcionam dez horas diárias para a saída do produto.

Quando se reconhece que a fabricação deste filme envolve a aquisição de milhares de libras de algodão, de vários produtos químicos e emprega inumeras pessoas em várias das imensas fábricas, pôde-se ter ideia da influência directa que isso exerce nas diferentes indústrias do país.

Nos departamentos sonoros e de corte de filmes, as salas de projecção manejam 50.000 pés de filme diariamente, ou sejam 300 000 semanalmente. Isto dá num ano o total de 15.600.000 pés. Nos laboratórios, as cópias acabadas são expedidas dos studios à razão de 200,000 pés por ano.

Isto traz o total geral do filme usado nos studios a 78.000.000. Convertido em milhas isto significa 12.882 milhas de filme ou sejam 862 milhas mais do que metade da distância ao redor do mundo.

Um aeroplano rápido, percorrendo 200 milhas por hora, requeriria um dia inteiro, dez horas e vinte minutos, para voar a distância representada por este número de filme.

Se todo este filme fôsse ligado iria a uma distância como de New York a San Francisco e voltaria ainda cinco vezes com uma pequena sobra. Também ligaria New York a Melbourne, Austrália, e ainda restariam 2 327 milhas, o bastante para ligar S. Francisco a Chicago.

No decorrer de um ano, Marion Davies, Greta Garbo, Norma Shearer, Ramon Novarro, William Haines, Maria Dressler, Wallace Beery, Buster Keaton, Lawrence Tibbett e Joan Crawford, foram projectados nas têlas dos diversos cinemas do mundo inteiro em milhões de pés de filme.

Várias toneladas de algodão fazem parte do material usado no filme, sendo hoje o comércio

A superstição dos artistas cinematográficos

A maior parte dos artistas de Hollywood é supersticiosa.

Por exemplo: Ramon Novarro dá sempre a volta à miriade de escadas dos cenários, para não passar por baixo delas. Norma Shearer diz que não é supersticiosa mas vê com profundo horror a quebra de um espelho. Robert Montgomery ainda pratica o velho costume dos artistas do palco de molhar o polegar e pô-lo contra uma parte do cenário antes de entrar em cena e Joan Crawford fica toda atemorizada quando um gato preto passa na sua frente.

O camarim de Marie Dressler não pôde ter luzes que brilhem por cima de seus ombros enquanto se vê ao espelho para fazer a sua *toilette*. Wallace Beery, o ousado aviador, não permite que pessoa alguma ligue a chave ou interruptor do seu aeroplano.

John Gilbert toma grande cuidado com os seus sapatos, colocando-os em posição direita, antes de se deitar: nunca deixa que o sapato do pé esquerdo fique no lado direito ou vice-versa.

William Haines nem por nada deseja ter uma mala coberta de couro de camelo em sua casa nem no cenário em que estiver trabalhando. Sapatos em cima de qualquer movel fazem com que Buster Keaton sáia correndo à procura de sal para atirar por traz das costas, e Greta Garbo não gosta de principiar um filme no dia 13...

O triunfo de Dorothy Jordan

Os habitantes do sul dos Estados Unidos tem motivos para se sentirem orgulhosos, pois outra das suas jovens e encantadoras patricias está conquistando inúmeros exitos no cinema falado.

Esta jovem não é a linda Dorothy Jordan, cujos esforços acabam de ser recompensados com um longo contracto com a Metro-Goldwyn Mayer.

Podemos recordar que foi há dois anos que Dorothy Jordan chegou a Hollywood, depois de conquistar muitos triunfos nas comédias musicais em New-York. Ela apareceu na América, ao lado de Ramon Novarro em *Devil May Care*, *Call Of the Flesh* e com Robert Montgomery em *Shipmates*. Um dos seus papeis mais sobresalientes foi em *Min And Bill* com Marie Dressler e Wallace Beery.

Desde então Dorothy Jordan vem conquistando triunfos consecutivos e o número dos seus admiradores tem aumentado cada vez mais.

Os efeitos da crise

Depois da redução de salários de 5 a 25 % feita pela Paramount, a Warner anunciou que uma redução geral de 20 % será feita nas suas folhas de pagamento.

Isto significa simplesmente que na América não se nada num mar de rosas... aliás como em toda a parte.

Cinema e literatura

Léon Moussinac, notável crítico cinematográfico francês, que reúne os seus dotes de jornalista distinto cuja pena implacável nada perdoa, uma fé absoluta no regimem comunista que êle defende mesmo nas suas criticas de cinema, acaba de publicar um livro: *La Tête la première*. Desta vez não se trata duma obra sobre cinematografia. E o que nos leva a falar deste livro, não é a ideia que o gerou nem os pontos de vista que defende. O que nos levou a citar o seu titulo foi a construção cinematográfica dessa obra.

Já não é a primeira vez que ao cinema in fluência profundamente este ou aquêl escritor. Mas um novo exemplo dessa influência

só vem apontar-nos mais uma vez o enormíssimo papel que o cinema representa hoje na nossa vida.

Chamamos pois a atenção de todos os nossos leitores para essa nova publicação de Moussinac.



Lawrence Tibbett, famoso cantor americano e Catherine Dale Owen, no fonofilme «Canção do Bandido», que na proxima 2.^a feira se estreia no Olympia».

Jeannette Mac Donald e Jack Buchman no fonofilme «Monte Carlo», a exhibir brevemente.

Betty Compson, graciosa vedeta do cinema americano.

Gloria Swanson velha artista de cinema silencioso que ao sonoro está prestando valiosa colaboração.



filmes da quinzena

A Marselhesa—Um filme mediocre de John S. Robestson. Laura La Plante e John Boles não bastam para relevar as deficiências da mise-en-scène. Estreado no Trindade em 24 de Setembro.

Segue o teu coração—Uma comédia cheia de mocidade e alegria, mas de mediano valor. Canções agradáveis. Interpretação correta de Nancy Carrol e Charles Rogers. Um filme que, no tempo do «mudo», serviria apenas como complemento dum bom programa. Estreado no Olimpia em 3 de Outubro.

Santo Antonio—Filme religioso de argumento ingenuo. Realização muito deficiente se exceptuarmos duas ou três passagens que não salvam o conjunto. Saliento apenas a cena da ressurreição do assassinado. Um filme que deve ser um bom negocio na provincia mas que achamos condenavel por vir aumentar prejudicialmente a credencia do povo. Estreado no Aguia d'Ouro em 5 de Outubro.

Rango—Um interessantissimo documentario de Ernest Schoedsach digno de ser exibido em todas as escolas na qualidade de filme cultural. Algumas filmagens felizes. Inumeros macacos surpreendidos pela objectiva em atitudes curiosas. Emocionante a luta do tigre com o «boi da India». Sonorisação discreta. Estreado no Trindade em 6 de Outubro.

A Ilha dos Navios perdidos—Uma historia interessante, dirigida por Irvin Willat, que lembra as novelas de Julio Verne, mas que peca por demasiada inverosimilhança nas partes finais. A cena do naufragio, assim como a chegada do barco naufragado à «ilha» dos navios perdidos, passagem impressionante e macabra, merecem referencia. A composição da ilha dos navios mortos, que considero magnífica, é o maior valor do filme, Virginia Valli, Jason Robards e Robert O'Connor desempenham com acerto os seus papeis. Destaco Noah Beery, em mais um excelente «Vilão». Estreado no Aguia d'Ouro em 12 de Outubro.

Barcarola de Amor—Um filme que deve muito ao teatro. Cenário mal carpintado. Realização modesta de Henry Roussel. Má fotografia. Merece referencia a cena do delirio de Fanny. Som

muito prejudicado por uma má reprodução. Estreado no Olimpia em 12 de Outubro.

Salto Mortal—A. E. Dupont não atinge aqui o dinamismo alcançado em *Variedades* mas, apesar do cenario do seu novo filme focar mais uma vez a vida do circo e repisar na eterna e inevitavel historia do triangulo, êle conseguiu oferecer-nos uma obra bonita, agradável, com bom cinema e quasi que totalmente bem delineada. Um pouco monotona as partes centrais. «riqueza» de detalhes; excelentes filmagens, e alguns *long shots* interessantes. Som nem sempre perfeito. Bom desempenho de Gina Manés, Daniel Mendaille e Roger Maxime. O melhor filme da quinzena. Estreado no Trindade em 13 de Outubro.

Como complementos de programa, merecem destaque especial apenas os filmes de desenhos animados: *Sorrisos* (de M. Fleicher) e *A casa dos*



Fantasmas (de W. Disney) exibidos no Trindade, e *Romeu nos Bosques* (de John Foster e Bailier), exibido no Olimpia.

Duas imagens do documentario «Rango»



LILIAN BOND, uma nova artista do Cinema americano interpretando uma cena acanalhada...

para variar.

Eu só quero Ioiras—Porto—Faz muito bem. São mais suaves. Mas eu se fosse a Você queria dumas e doutras. Olhe que as morenas também não são para deitar fora. Por enquanto resolvemos proceder assim, por determinadas razões. Não verá esta temporada, nem talvez nunca, em Portugal, o filme de Pabst *A Opera dos quatro vintens*. Ainda se houvesse um cine-club .. Assim, perca as esperanças.



que êle noutra dia fez às mulheres? Não ha o direito. Deixe estar que lhe hei-de mostrar a sua carta. Parece que não é só Você a enfiar-se com as fitas que nos vão dando. Cá no Porto, pelo menos, o público vai fugindo para o teatro que é uma coisa es-pantosa... Dê-me

sempre notícias suas, mas deite fora essa nostalgia.

A. R.—Tomar—Anny Ondra: 217 Friedrichstr., Berlim S. W. 68, Alemanha. É conveniente mandar algum dinheiro.

Amokinho, Ben-Amok—Porto *A Ilha dos Navios Perdidos* tinha duas coisas interessantes: o naufragio e a chegada do barco naufragado ao equóreo cemitério dos navios... cena um tanto ou quanto macábra. Foi do que eu mais gostei. Não, os desenhos animados a que se refere não são de Fleischer mas sim de J. Foster e Bailer. Agradeço abraço de cumprimentos e retribuição.

René la Febre—Lisboa—Febre? afaste-se para lá homem. E de mais a mais tendo Você tanta amizade pela China, isso deve ser febre amarela. Vou-me já desinfectar... Ah! c'est vrai, vous me demandez de vous répondre en français. Pardon, je l'avais oublié. Non, mon cher ami, il n'y a pas de films parlants en chinois en exhibition chez nous. Tout au plus nous avons des camelots jaunes... Dites donc, mon vieux, est-ce que vous ne pouvez pas m' écrire en portugais? Soyez, au moins, patriote... parceque votre français... me cache pas votre nationalité ..

Moreno Lisboa—Sim, nada impede que escreva aos e às artistas da tela. É muito natural que muitos deles lhe respondam. Mas, hoje, isso de escrever aos azes e às «zas» do cinema é um «sport» que fica um bocadinho caro. Já vai longe o tempo em que eles mandavam fotografias gratuitas... e ainda agradeciam por cima. Agora, com a maioria deles, só indo com o dinheiro na mão. Brigitte Helm é casada. Escreva-lhe para Im Winkel, 5 Berlim Dahlen, Alemanha. Willy Fritsch: Kaiserdam, 95, Berlim Charlott, Alemanha.

Um Espectro—Castelo Branco—Será possível, isso?... Pode escrever. Todas as direcções estão bem. Seguiremos o seu conselho. Obrigado.

Marieta—Porto—Quem foi que lhe disse uma coisa dessas? A Saur Ben-Hafid não morreu! Longe vá o mau agoiro... Creio que presentemente, está afastada do cinema, quando muito. Tem realmente qualidades fotogenicas e historicas muito apreciáveis. Verá Annabella, esta temporada, em *Em Redor dum Inquerito*, pelo menos. Apareça mais vezes, gentil Marieta.

Baile Dôve—Lisboa—Não negue. Você usa oculos de aro de tartaruga ou de qualquer coisa semelhante. Ou se não usa agora, já usou. Nada de sofismas, minha pomba, os seus olhos não são verdes como os da Joaninha de Garrett. São castanhos. Eu até ia jurar que Você usa... bigode... Acertei?

Alberto Porto—De pleno acôrdo com a sua opinião sobre *Rango*. Se em Portugal se ligasse alguma importância ao cinema como instrumento de ensino, *Rango* era um filme digno de figurar entre as melhores colecções de películas de todas as escolas. *Segue o teu coração* via-se sem aborrecimento, mas também não perdeu nada em não ver esta comédia. Obrigadíssimo pelo abraço.

Rosa Desfolhada—Leiria—Que agradável surpresa! Já não contava receber mais cartas suas. De mais a mais, quasi nas vespas do seu casamento, Você despediu-se de nós com ares de quem o faz para sempre. Pela sua carta, cheia de alegria, vejo com prazer que é feliz. Que o seja sempre são os meus maiores desejos.

Estudante cinéfilo-nudista—Porto—Sim, a presente época dar-nos-á alguns filmes de real mérito artistico, mas não tantos como seria para desejar, creia. Sim, também achei *Rango* inferior a *Chang*, o que não impediu, todavia, de apreciar muito o novo filme de Ernest Schoedsack. Ai vão os títulos de alguns filmes documentário-culturais ainda não exibidos em Portugal (e que, talvez, nunca o serão): *Au Pays du Scalp*, *Turksib*, *Segredos da Natureza*, *A Tuberculose é um mal social*, *Higiene da mulher*, *O Mecanismo do Cérebro* (real de Poudovkine), *Toumgou*, *L'Appel de la Vie* (de Lissé e Berna), *Africa Speaks*, *Melodia do Mundo e Terra*. Chegam-lhe estas ou quere ainda mais?

Distribuí pelos meus camaradas as palavras que lhes dedica. O S. achou graça à parte que lhe diz respeito e manda-me perguntar-lhe—eu não sei se devo...—quando é que Leiria será dotada dum novo «botãozinho de rosa»...

Até um dia e muito obrigado por não se ter esquecido de nós.

Você está enganado. *Trader Horn* não é um filme polinésico, mas sim africano. As primeiras maniveladas foram dadas nas margens do lago Alberto em Panyamur.

Jeremias—Lisboa—Que melancolia! Que sentimentalismo! Mas que é isso meu caro Jeremias? Se eu não adivinhasse duas lágrimas tremulando ao canto dos seus olhos pisados e orlados de olheiras negras, teria estalado uma gargalhada quando Você me contou a trágica história da Lucibela e do tuncionário aduaneiro. Eu sou pelo homem. Sogra, nem pintadas. Eu já estive para ter uma—e que sogra!—e sei bem o que isso é. Eu se fosse ao marido, alem de ter partido a loiça, vociferado e posto a mulher na rua, ter-lhe-ia instaurado um processo por descumprimento de direitos conjugais. E só assim o marido desrespeitado poder-sc-ia gabar de ter posto, aos dissabores caseiros, um final duma cana.

Obrigado pelos seus parabens. A's vezes os meus leitores fazem-me confidências, contam-me os seus amores e então, «tant bien que mal», eu vejo-me obrigado a prodigar conselhos psicologicos sem, todavia, pretender rivalizar com D. Sara Beirão nem roubar os leitores do seu confessionário... A ideia que expõe no final da sua carta é muito razoavel e já por diversas vezes pensei nisso. Tenho hesitado em face de duas coisas: falta de tempo e falta dum companheiro. Até breve carissimo nudista.

Tripeirinho—Porto—Não sei. A ver vamos. Para mim isso é ainda uma grande incognita. E Você sabe muito bem que estas coisas viram dum momento para o outro quando menos o esperamos.

Pode ser que o Batalha leve os filmes que cita. Alguns deles também eu os desejo rever. Escreva quando quiser. Estou sempre às suas ordens.

Amo «Um Académico»—Porto—Já lhe enviei a carta que aqui tinha para si. O A. C. agradece as amáveis recomendações, e eu o abraço e as mil felicidades que retribuo.

Amok.

O Homem do chapéu branco—Lisboa—Não, não sou «Socrates». Realmente o rapaz anda melancólico, pessimista, tristonho. Mas eu espero que aquilo lhe passe. Vê? Se êle fôsse nudista, como nós, já não lhe aconteceria nada disso. Estaria agora impregnado de sol e optimismo. E a guerra

Visado pela Comissão de Censura

Balanço da Época 1930--31

Organizado por Camilo de Vasconcelos

[Continuação]

A 1 de Dezembro, «Um Rapaz Insinuante», comédia em 6 partes com George King Arthur e Marceline Day, e «A Caça dum Autografo», comédia em 8 partes com Marion Davies e Nils Asther.

A 8, «Banhos de Sol», comédia (?) em 6 partes, e «A Sacrificada», realização de George Jacoby, com desempenho de Henny Porten e Gustav Diesel—um dos «q.xairo de infantaria»—drama em 7 partes.

A 15, «A Mulher da Máscara», drama em 7 partes, com Heinrich George e Wladimir Gaidarow, e o documentário português de Anibal Contreiras, igualmente em 7 partes, «A Vida do Soldado».

A 22, a comédia «Marinheiros em Terra Firme», com Karl Dane e George King Arthur, e «Prisão Redentora», drama em 8 partes com dois nomes consagrados—John Gilbert e Joan Crawford.

A 29, a super-produção em 7 partes de Karl Duisberg, «Vertigem do Progresso», com Heinrich George, e «A Mânia dos Corações», comédia em 6 partes com Lois Wilson.

A 5 de janeiro, a película com Haines, «O Cadete de West Point», drama em 9 partes e «A Última Moda de Paris», em 8 partes, com Norma Suearer e Ralph Forbes.

A 12, um programa constituido por «Salto da Morte», e «Dados Trágicos».

A 19, «A Mulher na Lua», Argumento de Thea Von Harbou e realização de Fritz Lang, com Gerda Maurus, Willy Fritsch, Fritz Rasp; etc.

A 26, «Noites da California», drama em 7 partes, e «Princesa da Opereta», comédia em 7 partes.

A 1 de fevereiro, «Amor e Box», comédia em 7 partes, com Lew Cody, e «O Processo Bellamy», drama policial em 8 partes, com Leatrice Joy (Monta Bell).

A 9, a comédia dramática em 8 partes, «Fugindo ao Amor», e «Mamá Colibri».

A 16, «O Poeta e o Tzar», drama em 6 partes, e «O Diabo à Solta», comédia em 8 partes.

A 23, a comédia de King Vidor em 8 partes, com Mary Dressler, Marion Davies e Lawrence Gray, «Patsy» e «Ladrões de Joias», drama em 8 partes com o pobre Lon Chaney e Marceline Day.

A 2 de março; William Haines e Dorothy Sebastian na comédia em 8 partes, «O Rei do Base-Ball», e Joan Crawford e Nils Asther no drama de Fred Niblo, em 9 partes, «Sonho de Amor».

A 9, o drama em 8 partes, de Gennaro Dini, «Capas Negras» com Régine Bouet, Luis Leitão, etc., e a comédia de Roberto Pegui, «Paris—New-York—Paris», com Coleite Darfeuil. Passadas 48 horas este programa foi substituido pelo programa «O Segredo de Pavlova».

A 16, a assombrosa super-produção dramática em 7 partes, com Vera Baranowskaja, «Assim e a Vida! . . .», real de Carl Junghans e «Greve Conjugal». Uma brutal singularidade de espirito do publico, aliada a uma infinda selvageria, desencadeou tamanha pateada durante a apresentação de «Assim é a Vida» que este magnifico film foi retirado do programa, sendo substituido pelo drama em 7 partes, «O Caso de Helena Willfuor».

A 22, «O Mensageiro da Paz», e «Se Deres o teu Coração».

A 30, a produção em 8 partes, com Susy Vernon e Nils Asther, «Escrocs de Casaca», e «O Diabo Branco», super-produção dramática, em 12 partes, com Ivan Mosjoukine e Lil Dagover.

A 6 de abril, «Uma Aventura na China», comédia em 7 partes, com Karl Dane e George K. Arthur, e a novela cinematográfica em 10 partes, «O Idolo das Mulheres», com Lewis Stone e Leila Hyams. Real. de Clarence Brown.

A 13, «O Estudante Pobre», comédia com Ernest Verrebes, em 8 partes, e «Asfalto», super-produção dirigida por Joë May, com Betty Amann e Gustav Froelich.

A 20, a comédia «O Solteirão», com Lew Cody (Harry Beaumont), e «Jimmy—O Misterioso», comédia policial em 8 partes com William Haines.

A 27, «A Carta», drama com Joanne Eagles e O. P. Heggie em 7 partes, e «Uma Pequena das Minhas», comédia em 7 partes, com Clara Bow e James Hall.

A 4 de maio, o drama em 6 partes, «O Diário duma Mulher», e o «Escandalo de Baden-Baden», com Brigitte Helm.

A 11, Artur Duarte em «O Estudante Bailarino», e «A Carmen de St. Pauli», com Jenny Jugo.

A 18, com uma aparelhagem «Nitzsche», inaugurou-se o sonoro, estreando-se a comédia com Anny Ondra, «Anny Faz-Tudo».

A 25, «A Valsa do Amor», com Willy Fritsch.

A 1 de junho, o documentário instrutivo, «Com Byrd no Polo Sul».

A 8, «A Melodia do Coração», de Hans Schwarz, com Willy Fritsch.

A 15, «Anny no Music-Hall», e «Porque te Amo eu?».

A 22, «O Submarino S—13», com Frank Albertson.

A 29, «Artur», de Léonce Perret, com Boucot.

A 6 de julho, «No Tempo das Valsas» e a «Romanza Sentimental», de S. M. Eisenstein.

A 13, «Fox Follies».

A 20, «O Zeppelin Perdido», de Edward Sloman, com Ricardo Cortez e Virginia Vally, e «Paris de Noite», com Margarite Moreno.

A 27, «Prisão Ideal», de Wulschelegs.

A 2 de agosto, terminou a temporada, passando esta sala a só dar sessões aos sábados e domingos, a preços populares, reexibindo algumas das mais conhecidas fitas sonoras.

BATALHA

Após ligeiros melhoramentos, esta sala popular inaugurou os espectáculos de inverno a 15 de outubro de 1930, com o drama histórico «Tarakanowa» e a película «Club dos Solteiros».

A 21, «Amores duma Actriz», e «Fibra de Herói».

A 28, a obra-prima de Paul Fejos, com Barbara Kent, «Solidão», e «Onde é que eu Estava», comédia com Reginald Denny.

A 4 de novembro, «Drama da Rua» e «Quem Pensa não Casa».

A 11, «O Mascarado», com Ronald Colman, e «Ricardo, pobre milionário», com o popular Richard Talmadge.

A 18, «A Descrente» e «A'lerta com as Viúvas».

A 25, «Caixeirinha», com Mary Pickford, e «O Tio da América».

A 2 de dezembro, «O Principe Fazil», com Charles Farrel, e «Inocência Nua».

A 9, «Os Amores do Arquiduque», com Clive Brook, e «Jornada Maravilhosa».

A 16, «Paris Girls» e «Vaqueiros de Hoje».

(Continua).



Uma cena de «O Rei Vagabundo», um filme de grande éxito comercial na época finda.

Cruzeiro de Amor

(Conclusão)

—Lamento tê-la encontrado, mas ao mesmo tempo sinto-me feliz por vê-la novamente. Deixe a sua perigosa profissão. Tem aqui um cheque de 30.000 dollars—dinheiro que lhe permitirá retomar uma vida honesta.

Num gesto de desdem, a rapariga reusa, inutilizando o chèque:

—Obrigada... Eu mesma, só pelo meu esforço e pelo meu trabalho, ganho muito mais que 30.000 dollars! Detesto-o, senhor!

Num abrir e fechar d'olhos Gladys fuge no carro que estaciona á porta do hotel.

Macferson, um momento atónito, toma um outro carro e promete ao «chauffeur», indicando o veículo que quasi desaparece ao longe:

—1000 francos se alcançar aquêl automove!

... E Macferson parte numa corrida vertiginosa ..

Meia hora mais tarde, a carruagem de Gladys pára ruidosamente e, junto dela, Macferson exclama:

—Gladys!... Nelly!... Para que me fuge?...

Gladys, sorridente, estende-lhe a última edição de um jornal, em que Macferson pôde lêr a grossos caracteres:

«A aventureira internacional Nelly Merrivan, presa em Londres, na «gare» Victoria.

No auge do contentamento, o milionário grita a plenos pulmões:

—Felismente! Felismente Gladys O'Hallo, não é Nelly Merrivan!

E esquecendo tudo, para dar expansão ao seu jubilo, lança-se nos braços de Gladys.

Subito, uma voz ironica lembra a Macferson que está perdida a apôsta de 500.000 dollars.

E' Jack, que chega no momento oportuno para comprovar a fraqueza do amigo. Mas Gladys protesta energicamente:

—Perdão, meu caro senhor. Tudo isto me enstou a última gota de essencia; Macferson ganhou a apôsta. São seis horas menos dez minutos—e ás cinco e meia terminou o praso dos cinco anos!

O outro, furioso, ainda contesta:

—Como? Faz causa comum com êle? E a nossa combinação? Então atraíçôa o pacto firmado entre nós?

Gladys volta-se para Macferson—e esclarece:

—E' verdade: êste seu excelente amigo entendeu-se comigo para lhe fazer perder a aposta. Todavia, o meu coração resolveu aban-

donar os interesses de Jack e proteger os Macferson... Eis tudo...

*

Um olhar apaixonado, um grande beijo de amor—e os dois jovens ganham finalmente a mais ambicionada apôsta da Vida: a apôsta da Felicidade...

Em pról do cinema português

Afim de ser devidamente estudado e tratado o magno assunto da cinematografia nacional, dentro em breve, efectuar-se-á no Salão do Conservatorio Nacional de Teatro, a primeira reunião de cinéfilos portugueses.

Foram convidados a fazer parte da comissão organizadora, os seguintes senhores: Antero Faro, António Fagim, Antonio Leitão, Avelino d'Almeida, Cezar de Sá, Chianca de Garcia, Leitão de Barros, Manoel Luiz Vieira, Manoel d'Oliveira, Roberto Lino e Salazar Diniz.

Na capa

Ilustra a nossa capa uma foto de Lillian Harvey, a insinuante interprete de «Cruzeiro de Amor».

Duas gafes

No ultimo numero, por um lapso que bastante lamentamos, dissemos que o filme «A Valsa do Amor» era propriedade da Agencia H. da Costa quando a verdade é que essa produção pertence ao Snr. Raul Lopes Freire. Tambem mencionamos a artista Lillian Harvey como protagonista de «A Espionagem» quando a interprete desta béla produção é Brigitte Helm.

Que todos nos perdõem.

E' voz corrente que...

—O snr. A. N. ficou bastante irritado pelo facto de uma revista de Lisboa ter dito que o jornalista A. A. P. é gerente do Sálão Jardim da Trindade.

—O mesmo snr. A. N. tem abandonado aquella casa de espectáculos para se dedicar sómente ao salão de que é único proprietário e do qual colhe mais proventos.

—O gerente de uma casa distribuidora de filmes americanos comprou cerca de dez mil Escudos de bilhetes postais a um comerciante desta cidade.

—O mesmo snr. gerente defenderia melhor os interesses da empreza que representa se tivesse perdido êsse artigo ao seu colega da casa de Berlim.

—A continuarem certos concursos de fotogenia que se teem realizado em Lisboa, aumentará consideravelmente a prostituição no nosso paiz.

—A polícia vai providenciar sôbre os fins reservados dêsses concursos.

FOTOGRAFIA GUEDES

O mais completo atelier fotografico

Telefone, 2680

NEVES GUIMARÃES

346, R. Santa Catarina, 350

OLYMPIA

apresenta na proxima 2.^a feira

a deslumbrante opereta toda em technicolor

A Canção do Bandido

Grande criação do mais famoso barítono do mundo,
o grande astro da Metropolitan Opera de Nova York

LAWRENCE TIBBETT

com Catharina Dale Owen, Stan Laurel e Oliver Hardy

Encenação de LIONEL BARRYMORE—Musica de

FRANZ LEHAR—Obra inspirada no «Amor de

Zingaro» e montada com requintes de luxo

Cenas emocionantes - Canções deliciosas - Bailados estonteantes

Todos os aparelhos de cinêma
sonoro teem as suas qualidades



O aparelho sonoro
MELODIUM
é equipado com as
mais perfeitas peças
da indústria mundial



Peça condições e preços de venda ou aluguer
a ERNESTO DE BALMACEDA

Rua Anselmo Braancamp, 534 - PORTO

Nós temos a vossa amizade

m a s

precisamos também do vosso auxílio

Há um ano, no desejo de conquistar cada vez mais o vosso agrado, fizemos-vos uma valiosa concessão: reduzimos cinquenta por cento ao preço da nossa revista. Hoje, se Vocês gostam sinceramente de Invicta-Cine e se desejam que a melhoramos continuamente, precisamos contar com o vosso apoio.

**Não vos pedimos muito. Que cada leitor
nos arranje um novo assinante e isso
... .. nos bastará!**

Para recompensar o vosso trabalho, resolvemos oferecer-vos lindas fotografias de artistas, em formato grande e distribuí-las em numero proporcional ao numero de novos assinantes que cada um de vós conseguir.

Lembraí aos vossos amigos que comprando «Invicta-Cine» obterão a redução de 50 % nas matinées de quintas feiras e sabados, em todos os lugares, no elegante salão Olympia desta cidade.

Auxiliando «Invicta-Cine», trabalhais para vós mesmos porque os melhoramentos que a nossa revista possa sofrer só reverterão em vosso proveito.

**Assinatura: Série de 25 numeros
Esc. 12\$50 (Pagamento adiantado)**